



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

O IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA NA QUALIDADE DE VIDA DOS PEQUENOS AGRICULTORES FAMILIARES DO MUNICÍPIO DE CAPANEMA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

SANDRA MARIA COLTRE; ROSANA MARCELA SCHMIDT.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, CASCAVEL, PR, BRASIL.

saandra@unioeste.br

APRESENTAÇÃO ORAL

AGRICULTURA FAMILIAR

O IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA NA QUALIDADE DE VIDA DOS PEQUENOS AGRICULTORES FAMILIARES DO MUNICÍPIO DE CAPANEMA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

Resumo

Este estudo apresenta os resultados sobre a percepção da qualidade de vida dos agricultores familiares do Município de Capanema – Paraná. O estudo foi exploratório, com corte transversal de dezembro de 2006 a janeiro de 2007. Os dados de fonte primária foram coletados através de entrevista estruturada considerando a percepção sobre QV nos últimos cinco anos nas propriedades dos pequenos agricultores familiares do Município de Capanema – Paraná. Os dados foram tratados em porcentagem e analisados de forma descritiva. Os resultados obtidos através das 100 entrevistas realizadas com os agricultores familiares demonstram que a maioria das famílias obteve melhoria na qualidade de vida nestes últimos 05 anos apenas em alguns dos fatores analisados.

Palavras-chaves: qualidade de vida, agricultura familiar, desenvolvimento agrícola, sustentabilidade.

Abstract

This study presents the results about the perception of the quality of the farmers relatives' of the Municipal district of Capanema life - Paraná. The study was exploratory, with traverse cut of December of 2006 to January of 2007. The data of primary source were collected through structured interview considering the perception on QV in the last five years in the small farmers relatives' of the Municipal district of Capanema properties - Paraná. The data were treated in percentage and analyzed in way resulted descritiva. Os obtained through the 100 interviews accomplished with the family farmers they demonstrate that most of the families obtained improvement in the life quality on these last 05 years just in some of the analyzed factors.

Word-keys: life quality, family agriculture, agricultural development, sustentabilidade.

Introdução

Com o advento da Revolução Industrial, o processo de produção de alimentos passou por grandes transformações, principalmente nas últimas quatro décadas, caracterizada principalmente por transições entre agricultura orgânica e convencional inter-relacionando com uso intensivo do solo e dos recursos naturais. A agricultura convencional enfatizando a produção em grande escala iniciou seu processo de desenvolvimento com a chamada *Revolução Verde*, alcançando escala mundial a partir da segunda metade do século XX. Esse modelo é caracterizado pela monocultura, uso intensivo de agrotóxicos, mecanização e pela criação de variedades geneticamente modificadas e de fácil colocação no mercado externo, (CAPRA, 1989).

Na década de 70, a modernização da agricultura mudou os paradigmas de produção do setor primário, influenciando assim no aumento dos acidentes e de doenças relacionadas ao trabalho. Destaca-se, assim a progressiva e rápida substituição do trabalho manual pela mecanização. Na década de 1990 o conceito de qualidade total com os princípios de Deming, invade as organizações afetando sua forma e controle de produção tanto de produtos como de serviços. A partir daí, constatou-se que a qualidade de produtos e serviços estava diretamente ligada à qualidade de vida de quem gerava esta produção. Neste contexto, a qualidade de vida (QV) passou a ganhar importância também no meio rural, já que os meios de produção no setor primário foram alterados, bem como a forma de se produzir.

Segundo França e Rodrigues (1999, p. 141), qualidade de vida é “uma nova atitude diante da necessidade de trabalhar competitivamente com bem-estar”. Assim, o ser humano busca constantemente a satisfação de suas necessidades de ser, ter e estar buscando mais conforto e segurança, cuidando mais de sua saúde, com o objetivo de viver mais e melhor através do fruto do seu trabalho.

Patrício e Casagrande (1999) afirmam que essa busca por satisfação das necessidades, prazer e felicidade sofrem influência dos interesses políticos e econômicos. Nos ambientes onde as fontes de informações são poucas e há baixo nível de instrução, principalmente o meio rural, as pessoas tem baixa expectativa de qualidade de vida, a maioria por falta de conhecimento de programas que auxiliem na mudança dos meios de obtenção da sustentabilidade rural.

Reforçam ainda que a QV é um conjunto de fatores que afetam as condições de vida no trabalho, como o bem-estar, garantia da saúde e segurança física, mental e social, capacitação para a realização das tarefas com segurança e bom uso da energia pessoal.

E, como a agricultura é o desenvolvimento da capacidade humana para o cultivo da terra, é um trabalho como outro qualquer. Santos e Marion (1996, p. 21) destacam que “a agricultura será tão mais próspera quanto maior for o domínio que o homem venha a ter sobre o processo de produção, que se obterá na medida do conhecimento acerca das técnicas de execução e gerência”. Esta ação busca como resultado final à melhoria da sua vida em todos os aspectos, o que não é diferente do homem da cidade.

Assim o estudo buscou responder a seguinte questão: Como está a Qualidade de Vida (QV), na percepção dos agricultores familiares do município de Capanema – Paraná, nos últimos 5 anos, obtidos pelo desenvolvimento agrícola da região?

Aspectos históricos do desenvolvimento agrícola

Conforme Veiga (1991), a utilização da tração animal na agricultura possibilitou a evolução das formas de cultivo, do pousio (cessação do cultivo de determinada área, por algum tempo meses ou anos, para que a fertilidade terra se regenere) ao cultivo anual ininterrupto tendo como alternativa a rotação de cultura com leguminosas. Após este primeiro

passo ocorreu na Europa à transição da agricultura feudal para a agricultura moderna e a acentuação das diferenças entre os nobres e os camponeses. As características desta transição são muitas, dentre elas pode se citar o aumento da população rural inglesa, gerando uma crise social devido o aumento no consumo, principalmente de cereais e simultaneamente a elevação de seus preços.

A grande miséria das famílias rurais e as inúmeras revoltas causadas por esta situação estimularam os donos de terras a aumentarem as áreas de produção. No início do século XIX ocorre a primeira onda de mecanização com o início do uso de debulhadeiras, em virtude disto, mais conflitos no campo com a revolta das famílias rurais pela substituição da mão-de-obra.

Para Paiva (1983), Veiga (1991), Giordano (2000), entre 1850 a 1860 ocorre a segunda onda de mecanização com novas formas de cultivo e preparo de solos, utilização de colheitadeiras mecânicas, e debulhadoras a vapor e também tração a vapor. No início do século XX até a Segunda Guerra Mundial, o campo passou por crises que levaram a mudanças, como reforma agrária e o estímulo à agricultura familiar, tanto na Inglaterra quanto na Europa e também a utilização de políticas públicas para tentar manter estável o mercado.

No Brasil, o desenvolvimento agrícola se deu principalmente nos anos 60 e 70 com a modernização da agricultura em um contexto conturbado devido às crises econômicas, as políticas do governo que não atendiam as reais necessidades e beneficiavam os grandes latifundiários, entre outras. A partir dos anos 70, esse processo de desenvolvimento passa a ganhar proporções com a industrialização da agricultura, atingindo o mercado mundial. (PAULILLO, 1997)

Outro fenômeno foi à migração do trabalhador rural para as cidades sem capacitação para trabalhar nos grandes centros, pois não conseguiram se mecanizar. Isso possibilitou a formação dos chamados bolsões de miséria, que em busca de melhores condições de vida, o agricultor encontra um mercado competitivo sem espaço para absorver a sua mão-de-obra não-qualificada que, segundo Villela (2003), acabaram se tornando massa manipulável nas mãos de pessoas inescrupulosas. Por isso, Kautsky (1998) afirmava que a contabilidade era fundamental para evitar que se reinasse o caos, principalmente na agricultura devido ao grande número de transações de compra e venda de produtos e as demais atividades paralelas, com produtos diversificados que dificultam o controle.

Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES (2004:69), a ocupação e a exploração da região Sudoeste do Estado do Paraná, foi iniciada no começo do século XX com o ciclo do extrativismo da madeira e da erva-mate. “A partir dos anos 20, assistiu-se também à instalação da agricultura em pequenas áreas, com vistas à produção de alimentos, conduzida por nativos, que utilizavam o sistema pousio, dada a grande disponibilidade de terras férteis”. Para Mior (2005), a agricultura familiar brasileira até os anos 30 era baseada na subsistência, onde as famílias produziam para o consumo próprio. Nos anos 50, inicia-se a colonização por colonos catarinenses e gaúchos que usavam o sistema de produção da policultura, substituindo o pousio pelas colheitas anuais.

O Sudoeste Paranaense está situado no Terceiro Planalto Paranaense, suas terras têm características de composição ácida correspondendo aos patamares basálticos descendo do Sul para o Norte até o Vale do Iguaçu, é rica em recursos hídricos e terras férteis além de um clima saudável com boa distribuição das chuvas. Isso atraiu imigrantes gaúchos, catarinenses e paranaenses em busca de novas oportunidades causando grandes conflitos pelas terras (Lazier, 1986).

De acordo com dados do IPARDES (2004, p. 69), nas décadas de 50 e 60, “o Sudoeste passou por grandes transformações na sua base produtiva, com a introdução de novas práticas de cultivo a partir da expansão da cultura da soja. A adubação química, o uso

do calcário e a mecanização das terras substituíram a técnica do pousio das terras”. Proporcionando avanços na estrutura de produção rural e na economia regional. “A industrialização da agricultura no Sudoeste foi intensa mesmo naquelas áreas onde o relevo não permitia. A soja e o milho passaram a ocupar grandes extensões de terra e possibilitaram a implantação de indústrias de ração, que vieram a subsidiar a produção e industrialização da carne de aves”.

Para Iaschombek e Santos, (1999), a agricultura paranaense foi tradicional até 1970, com pouca mecanização e alta mão-de-obra, em 1980 inicia-se o cultivo em grande escala, da soja e do trigo; e pós-modernização iniciada na década de 80 marcada pelo aumento nos custos de produção e o enfraquecimento das políticas agrícolas.

Entretanto, as adoções difundidas pela revolução verde trouxeram perda da qualidade dos solos, exclusão social e empobrecimento dos agricultores, e hoje faz com que a sociedade rural repense sua estrutura produtiva. Por isso, “a busca da retomada da diversificação da economia agrícola está intimamente relacionada com a existência de uma estrutura fundiária na qual a pequena propriedade familiar ainda predomina, apesar dos choques sofridos, e com a existência de entidades que organizam e representam a agricultura familiar”. (IPARDES, 2004, p. 70). O esforço é de elevar a qualidade de vida e as condições de trabalho, assim como gerar sustentabilidade às unidades familiares agrícolas ocasionando em crescimento social, econômico e ambiental para toda comunidade.

A agricultura familiar

A agricultura familiar é hoje o segmento agrícola que mais detém propriedades e o que recebe menos investimentos por parte do governo. Segundo o INCRA (2005, p.2): “os agricultores familiares representam, portanto, 85,2% do total de estabelecimentos, ocupam 30,5% da área total e 37,9% do Valor Bruto da Produção Agropecuária Nacional, recebendo apenas 25,3% do financiamento destinado a agricultura”.

Pesquisas recentes demonstram que há um forte desenvolvimento da agricultura familiar em pequenas propriedades, que fornece alimentos para uma grande parte da população urbana. Para Gorender (2002, p.42):

Ainda, a pequena propriedade familiar submetida à crescente pressão demográfica e já explorando os últimos hectares disponíveis de suas terras próprias ou arrendadas, resiste e prolifera. Pode resistir e proliferar porque o camponês abre mão da renda da terra e do excedente que equivaleria ao seu lucro, porque se contenta com o que equivale a um salário. Um salário que, muitas vezes, permite a estrita sobrevivência a nível baixíssimo, reconhecidamente subumano.

Para Toscano (2005), a agricultura familiar é responsável por cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira e quase 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária nacional, além de apresentar-se como o segmento que mais cresceu durante a década de 1990, aproximadamente 3,8% ao ano num período que os preços caíram 4,7% ao ano. E, para fortalecer o campo já que o sistema de grandes propriedades rurais não gera empregos suficientes para absorver a mão-de-obra rural, é importante o incentivo à agricultura familiar inclusive dos agentes bancários, através de empréstimos com taxas menores ao mercado consumidor (ABRAMOVAY, 1999).

Em busca da sustentabilidade da agricultura familiar com a preservação do meio ambiente, a QV no campo subsidiará a QV da cidade e sustentabilidade de ambos.

Gestão da QV x Sustentabilidade

A QV x sustentabilidade do trabalhador agrícola é uma questão que envolve muitos aspectos, tais como a cultura local, o tamanho das propriedades, as condições dos recursos

naturais disponíveis para o manejo, conhecimento de tecnologias de plantio, de gestão da propriedade rural de política agrária e meio ambiente.

Somente na década de 70, com a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, em Estocolmo na Suécia, as preocupações com a utilização racional dos recursos naturais começaram a ganhar escala mundial. As conclusões da sobre os principais motivos da insustentabilidade rural foram: a degradação do solo, a disponibilidade limitada de água, o esgotamento dos recursos naturais, a pobreza rural, o crescimento da população e a diminuição da força de trabalho agrícola.

O Brasil perde toneladas de terra todos os anos por causa da erosão, têm milhares de litros de água impróprios para consumo devido à poluição dos agrotóxicos que são utilizados de forma ineficiente e sem preocupação, sem contar os hectares de terras que se tornaram improdutivas devido ao seu esgotamento aumentando ainda mais a pobreza que existe no campo. Faz-se necessário não somente uma agricultura sustentável, mas também o seu desenvolvimento sustentável, que para a Cunha *et al.* (1994, p. 5) “é o desenvolvimento que faz face às necessidades da geração presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer a suas próprias necessidades”.

Lima (2003) revela que uma concepção de agricultura sustentável é o desejo da sociedade para que os recursos naturais sejam conservados e se produzam alimentos mais saudáveis e com qualidade. É um tripé composto pelo desenvolvimento econômico, ecológico e social.

Cunha *et al.* (1994) relata que o desenvolvimento agrícola sustentável leva ao aumento da qualidade de vida, garantindo o bem-estar de uma geração sem prejuízo para a futura.

Segundo Patrício (1999) e Vierira(1996) a QV do ser humano representa o processo de satisfação de suas necessidades primitivas e culturais. A qualidade de vida expressa a qualidade das interações que o ser humano desenvolve no seu processo de viver, antes mesmo de nascer. Ele mesmo pode ser possibilidade ou limitação para o viver saudável de seus semelhantes, na interação direta ou indireta, através de repercussões no ambiente. De onde se pode deduzir a importância do ambiente de trabalho para a qualidade de vida do ser humano trabalhador.

Segundo Franco *et al.* (1999) é preciso considerar que o conceito de QV é mais vasto do que um simples instrumento para se conseguir maior produtividade e desempenho dos trabalhadores. A qualidade de vida implica diretamente na qualidade de vida no trabalho que qualquer indivíduo.

De acordo com Detoni (2001) existem muitas definições para a Qualidade de Vida desde o foco médico com o diagnóstico de doenças do indivíduo, até a exigência de elementos estruturais para o desenvolvimento de uma atividade produtiva. Sendo assim, não existe uma definição utilizada por todos, mas apenas pontos em comum que são voltados para acordar os interesses das organizações e dos trabalhadores trazendo satisfação para o trabalhador e melhorias na produtividade para a empresa.

Por isso, a QVT como é um fenômeno complexo onde se faz necessário a análise sócio-econômica para compreender os valores e motivações dominantes. A QV é resultante das conquistas sociais, do avanço das teorias administrativas e do desenvolvimento econômico iniciando com as condições de subsistência e segurança, perpassa pelo reconhecimento social e de cidadania.

Qualidade de vida do trabalhador rural

A qualidade de vida já foi definida por Patrício (1999) e está ligada à necessidade individual, por isso é muito subjetiva, depende de cada pessoa. E no meio rural não é diferente das cidades, pois as pessoas têm necessidades fisiológicas, psicológicas como de auto-

realização, o que pode variar é o grau de importância de cada uma dessas necessidades para o indivíduo. Essa dependência do consumo, segundo Capra (1989) está mudando os hábitos de vida das pessoas que modificam suas necessidades constantemente, o que os têm levado a trabalhar cada vez mais para obter o que desejam. O homem parece ter perdido sua identidade, as pessoas não são o que pensam ou o que fazem, mas o que possuem ou vestem, simplesmente a imagem que vendem para as demais pessoas. Esta inversão de valores leva a problemas físicos e psíquicos que assolam a sociedade atual, com grande consumo de drogas, câncer, esquizofrenia, depressão, suicídios, deterioração da sociedade, distúrbios de comportamento, entre outros.

A QV rural está relacionada às formas de produção e a percepção dos agricultores na realização do seu trabalho. Ainda muitos agricultores executam os processos como seus pais faziam e que aprenderam com seus avós, mas o mundo mudou, as técnicas de produção evoluíram para aumentar a produtividade devido ao crescimento da demanda.

Ferreira, Silveira e Garcia (2001) relacionam a QV rural ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) comparado com o perfil socioeconômico da região. De um modo geral as regiões que apresentam os melhores IDH são as que têm uma distribuição de terras mais igualitária e a predominância da agricultura familiar. Pode-se dizer que a QV rural esta relacionada às formas corretas de manejo das propriedades, com infra-estruturas, acesso aos meios de educação e saúde. A utilização incorreta dos equipamentos agrícolas causa desgastes na saúde, que por não conhecerem a maneira correta de utilização fazem como acham que é e não conforme lhes seria mais benéfico. Pressupõe-se que os níveis de percepção da QV no meio rural estão relacionados ao grau de conhecimento dos produtores de que suas necessidades podem ser supridas, assim como dos recursos disponíveis.

Os indicadores de qualidade de vida considerados foram: área da propriedade, sexo, faixa etária, tempo de trabalho na agricultura, nível de instrução, número de dependentes, renda familiar, origem da água, destinação do lixo, tipo de sanitários, uso de equipamentos de segurança, acesso a atendimento médico e educação, instalações rurais, meio de locomoção, financiamento, capacidade de pagamento dos financiamentos, gerenciamento da propriedade, apoio técnico, capacitação técnica, condições de vida e de trabalho, qualidade de vida, estresse, planejamento.

METODOLOGIA

Este estudo foi do tipo exploratório, que segundo SELLTIZ *et. al.* (1965) e RICHARDSON *et.al.* (1999) buscou aprofundar os conhecimentos sobre o tema em estudo e levantar a percepção dos envolvidos sobre um fenômeno para tornar consciente suas ações e decisões. O corte foi transversal de dezembro de 2006 a janeiro de 2007. Os dados de fontes primárias foram coletados através de entrevista estruturada e os de fonte secundária foram coletados em bibliografia e outros documentos municipais. Os dados foram tratados estatisticamente por distribuição de frequência e analisados descritivamente, apresentados através de gráficos. O contexto geográfico selecionado para este estudo, foi o município de Capanema, localizado na região sudoeste do Estado do Paraná. A população pesquisada foram os pequenos agricultores familiares do município de Capanema – Pr., com propriedades de até 20 hectares, mão-de-obra predominantemente familiar. Foram selecionadas 100 famílias no município de Capanema sendo perfazendo 25 famílias em cada um dos 4 distritos (Cristo Rei, São Luiz, Pinho e Faraday) da seguinte maneira: a população total foi de 2.276 propriedades com até 20 hectares. Para a entrevista foi selecionada a 1ª, a 22ª, 44ª propriedade e assim sucessivamente até atingir as 25 entrevistas em cada distrito. A propriedade selecionada que não se encaixava nas especificações que delimitam a pesquisa (agricultura familiar até 20 ha) era descartada e selecionava-se a propriedade seguinte. As entrevistas foram realizadas com

os responsáveis pela propriedade selecionada onde indicavam as condições atuais em relação a de 5 anos atrás. Em 1951 Capanema foi desmembrada do Município de Clevelândia e em 14 de dezembro de 1952 foi emancipada e comemora sua independência em 14 de Novembro.



Figura 01 – Localização no Paraná.
Fonte: IPARDES (2006).



Figura 2 - Limites do Município de Capanema.
Fonte: IPARDES (2006).

O Município localiza-se na faixa de fronteira em uma altitude de 350 metros, latitude 25° 40' 19" S e longitude 53° 48' 32" W, no Sudoeste do Paraná, tem uma área de 419,403 km². Faz dividas com a República Argentina e o Parque Nacional do Iguaçu e seus municípios lindeiros assim como com Planalto e Realeza. Segundo dados obtidos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2000, a população do município era de 18.229 pessoas, destas 8.929 residem na área rural, sendo que a maior parte são pequenos e médios agricultores. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município no ano 2000 era de 0,803, acima da média do Estado que era de 0,787. O IDH é composto pela esperança de vida ao nascer, taxa de alfabetização de adultos, taxa de frequência escolar e renda *per capita*. (IPARDERS, 2004 e 2006).

Estrato área (ha)	Estabelecimentos		Área	
	Absoluto	%	ha	%
Menos de 10 ha	1312	47,07	7.389,10	18,98
10,1 a 20 ha	964	34,59	13.674,80	35,12
20,1 a 40 ha	416	14,93	10.930,00	28,07
40,1 a 80 ha	78	2,80	4.402,00	11,31
80,1 a 200 ha	13	0,47	1.427,10	3,66
Mais de 200 ha	4	0,14	1.115,00	2,86
Total	2787	100 %	38.938,00	100%

TABELA 01 – NÚMERO E ÁREA TOTAL DE ESTABELECIMENTO RURAIS NO MUNICÍPIO DE CAPANEMA – PR.
Fonte: Prefeitura municipal de Capanema, dados do INCRA.

Resultados

Os gráficos a seguir apresentam algumas características do perfil da população pesquisada.

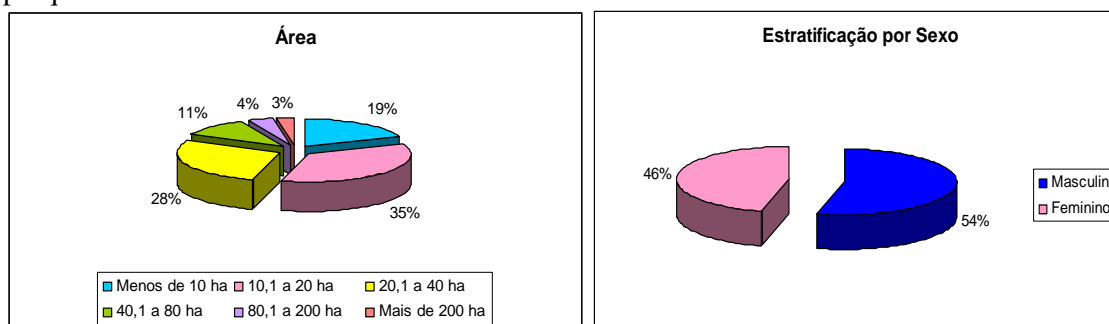


Gráfico 1 – Distribuição de terras por área
 Fonte: Prefeitura Municipal de Capanema – Pr.

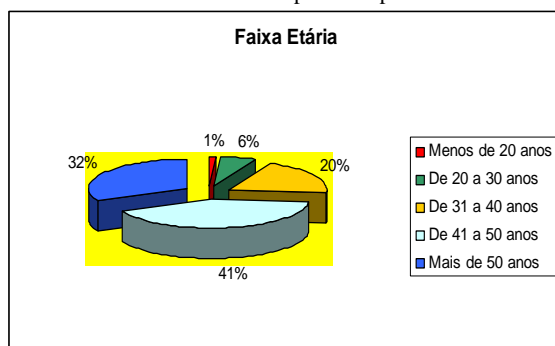


Gráfico 2 – Estratificação por sexo
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

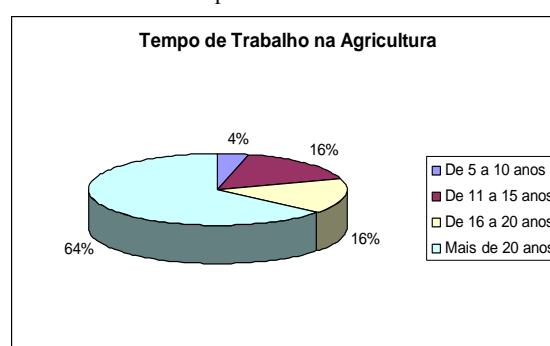


Gráfico 3 – Faixa etária dos entrevistados
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Gráfico 4 – Tempo de trabalho na agricultura
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

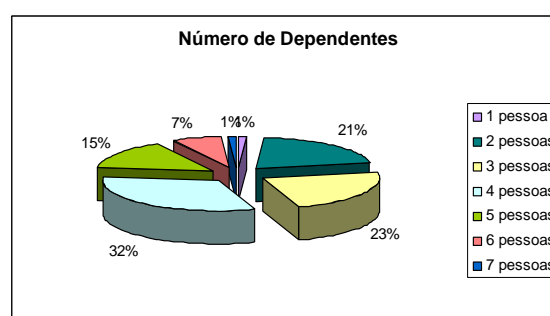
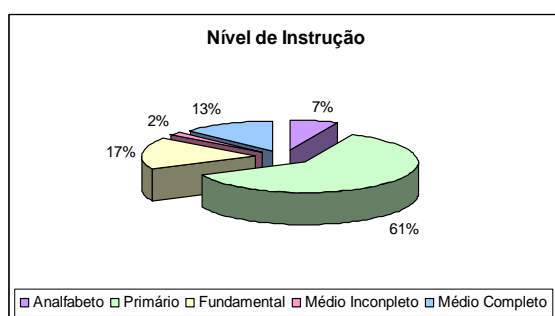


Gráfico 5 – Nível de instrução
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Gráfico 6 – Dependentes
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

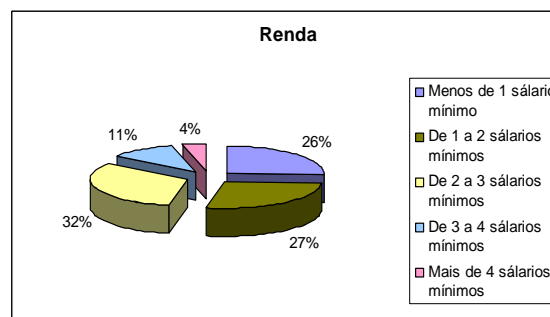
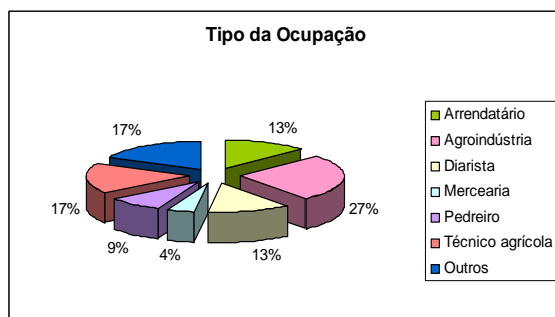


Gráfico 7 – Tipo de ocupação complementar
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Gráfico 8 – Renda mensal
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Os agricultores pesquisados em sua maioria possuem propriedade entre 20 a 40 ha (28%) e mais de 200 há (35%), onde 54% são homens e 46% mulheres. 73% da população possuem idade acima de 41 anos de idade. 64% trabalham a mais de 20 anos na agricultura e 16% entre 16 e 20 anos.

Apenas 61% possuem o nível secundário completo e as famílias são compostas em sua maioria de 4 a 7 dependentes. Os agricultores exercem outro tipo de profissão, das mais variadas como forma de ocupação. A renda mensal nas maiores porcentagens varia entre menos e 1 e mais de 3 salário mínimo.

Sobre a Qualidade de Vida na percepção dos agricultores em relação dos últimos 5 anos os gráficos apresentam os seguintes resultados.

Nos últimos 5 anos a água de poço com operação manual melhorou para poço artesiano e com acesso elétrico. A destinação do lixo ainda é feita pela queimada onde de 80%

há 5 anos 73% continuam com esta prática. Todavia a reciclagem do lixo aumentou de 29 para 40% nos últimos 5 anos bem como a coleta pública.

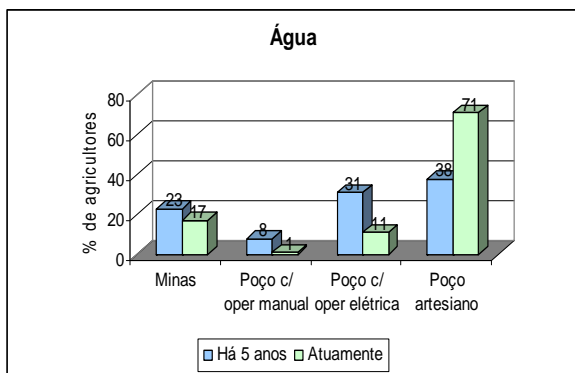


Gráfico 9 – Origem da água
Fonte: Dados primários 2006/2007.

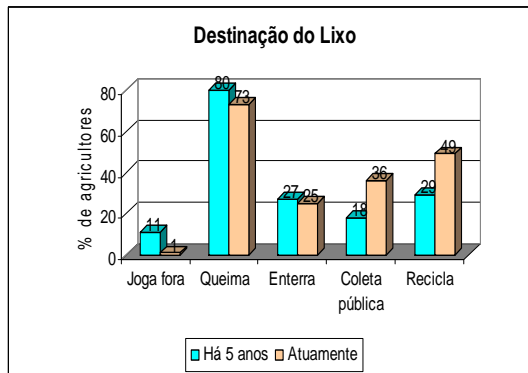


Gráfico 10 – Destinação do lixo
Fonte: Dados primários 2006/2007.

As instalações sanitárias ainda são na maioria anexa a residência e aumentou o seu uso nos últimos 5 anos de 59 para 67%. A instalação interna de 19 passou para 27% no mesmo período. Todavia ainda 6% utilizam a “casinha” como sanitário.

Quanto aos equipamentos de segurança, apesar dos que não utilizam ter reduzido de 21 para 15% e os que pouco utilizam, de 35 para 10%, o crescimento dos que utilizam freqüentemente aumentou apenas em 3%. A maior variação de uso freqüente de equipamentos de segurança nos últimos 5 anos foi de 12%.

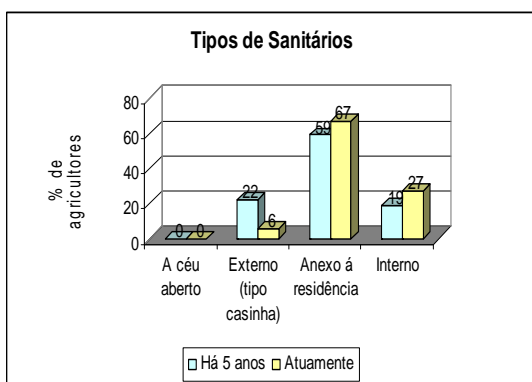


Gráfico 11 – Tipos de sanitários
Fonte: Dados primários 2006/2007.

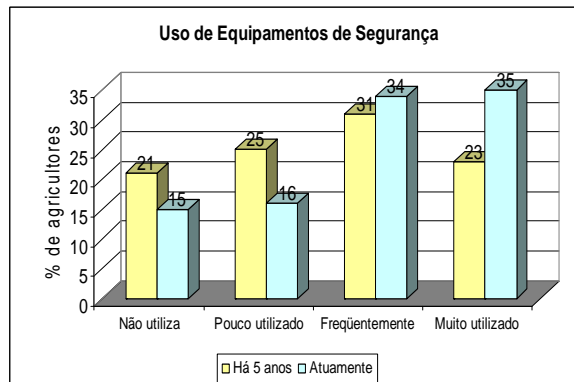


Gráfico 12 – Uso de equipamentos de segurança
Fonte: Dados primários 2006/2007.

Quanto à acessibilidade ao atendimento médico e a educação é visível a melhoria tanto na saúde como na educação. Entretanto 7% indicaram que ainda tem dificuldade de acesso a saúde e 3% a educação.

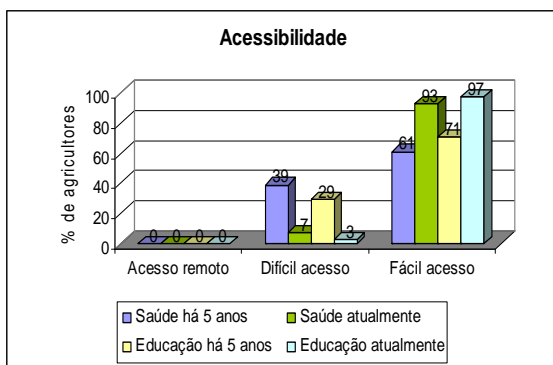


Gráfico 13 – Acessibilidade atendimento médico/educação.
Fonte: Dados primários 2006/2007.

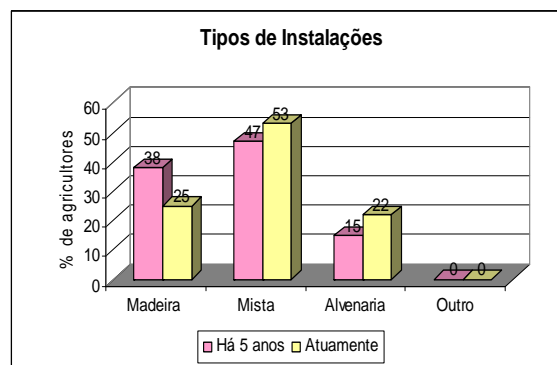


Gráfico 14 – Tipos de instalações
Fonte: Dados primários 2006/2007.

Quanto aos meios de locomoção o número de agricultores sem veículo o com bicicleta para se locomover diminuiu ao longo dos 5 anos. Houve aumento das motos em 5% em relação ao período, de 3% em relação a aquisição de um veículo e de 13% dos agricultores que adquiriram mais de um veículo. Isso se reflete no Gráfico 16 onde a frequência em buscar financiamento aumentou nos últimos 5 anos.

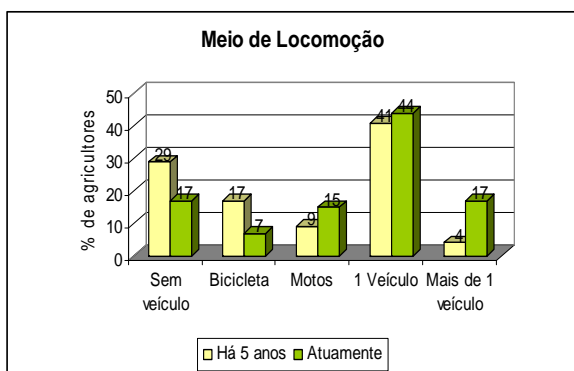


Gráfico 15 – Meios de locomoção
Fonte: Dados primários 2006/2007.

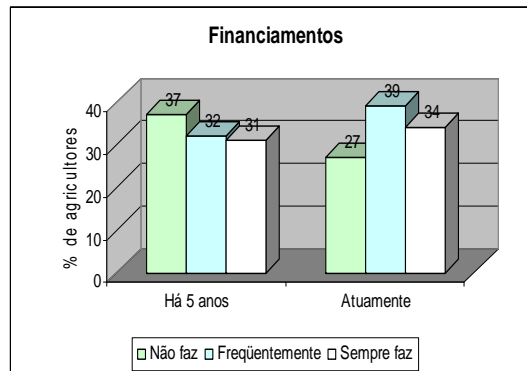


Gráfico 16 – Financiamentos
Fonte: Dados primários 2006/2007.

Já a capacidade de pagamento dos empréstimos na percepção dos agricultores, diminuiu em 8% e aumento a dificuldade de pagar os empréstimos para 18% dos consultados. O Gráfico 18, mostra que os investimentos nos equipamentos forma poucos. O investimento foi realizado em veículos de locomoção própria conforme o Gráfico 15.

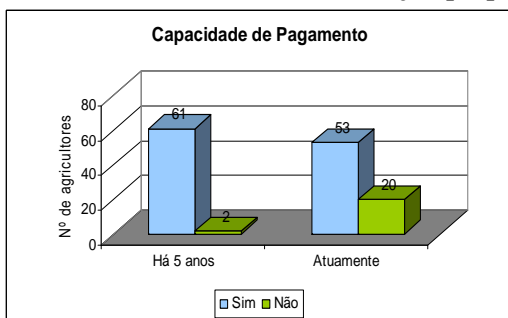


Gráfico 17 – Capacidade de Pagamento
Fonte: Dados primários 2006/2007.

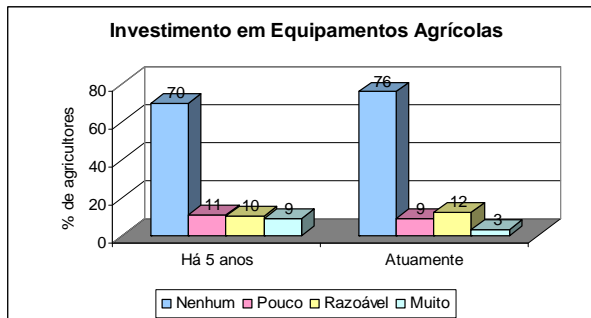


Gráfico 18 – Investimento em equipamentos agrícolas.
Fonte: Dados primários 2006/2007.

O investimento não foi em prol da agricultura por isso o Gráfico 19 a seguir indica que a melhoria em equipamentos agrícolas nos últimos 5 anos deixou a desejar.

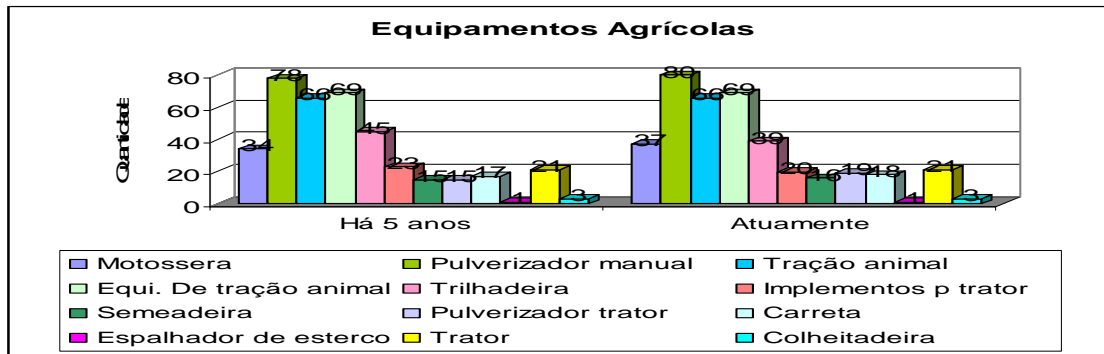


Gráfico 19 – Equipamentos agrícolas
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Quanto ao apoio técnico os agricultores 41% apontam que não têm ou raramente têm contra 59% que recebem freqüentemente conforme Gráfico 20. Isso se reflete que apenas 2% adotaram o gerenciamento controlado por planilhas nos últimos 5 anos. 43% dos agricultores não faz gerenciamento de sua propriedade e 37% usa apenas a memória para se valer de decisões sobre o seu negócio. O apoio técnico e a capacitação técnica não variou muito em melhoria nos últimos 5 anos, mas eles se referem a apoio sobre manejo e não sobre gerenciamento dos negócios rurais.

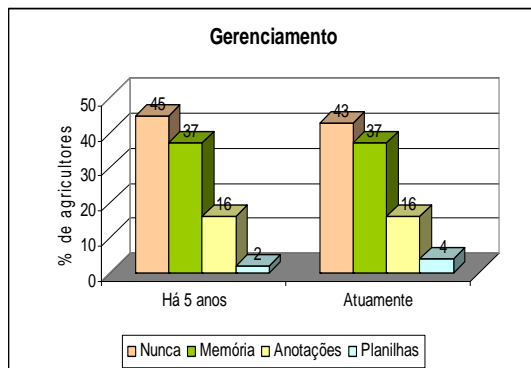


Gráfico 20 – Gerenciamento
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

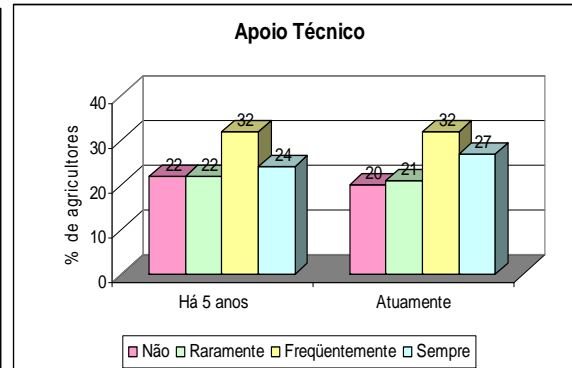


Gráfico 21 – Apoio Técnico
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

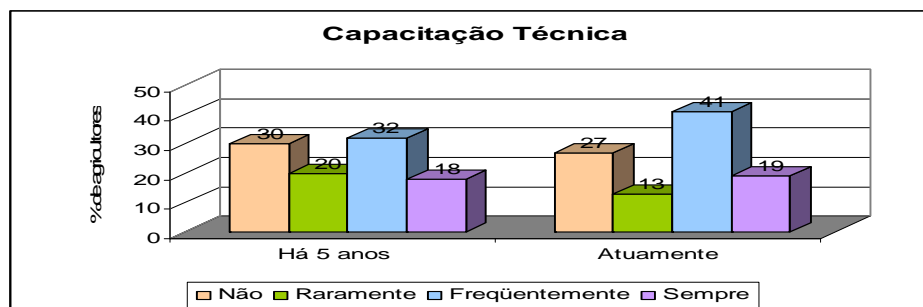


Gráfico 22 – Capacitação Técnica.
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Todavia na percepção dos agricultores conforme o Gráfico 23, as condições de QV e de trabalho nos últimos 5 anos, ficam pioraram respectivamente para 15 e 13% dos agricultores. No item aumento razoável, diminuiu tanto a QV com à qualidade de vida no trabalho QVT, respectivamente em 11% e 18%.

Quanto às condições boas, houve 3% na QV e 11% na QVT e quanto à melhoria ótimas apenas 1% na QVT.

Assim, na percepção dos agricultores a melhoria na qualidade de vida e de trabalho nos últimos 5 anos foi razoável.

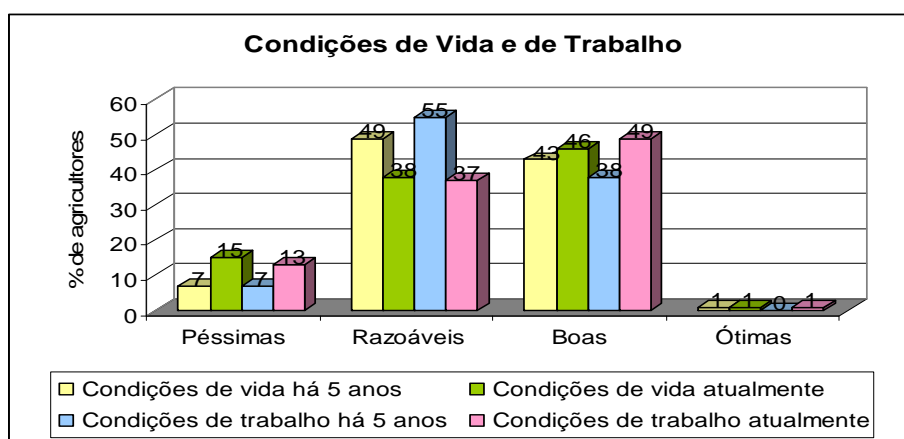


Gráfico 23 – Condições de vida e de trabalho
Fonte: Dados primários 2006/2007.

A afirmação anterior é corroborada pelo Gráfico 24 que indica que de forma geral a qualidade de vida aumentou para 54% dos agricultores nos últimos 5 anos em relação a 31% que informa que continuou igual contra 15% que indica que piorou.

O nível de estresse também aumentou de médio para muito, nos últimos 5 anos afetando a qualidade de vida e de trabalho dos agricultores. Uma explicação é o Gráfico 26.

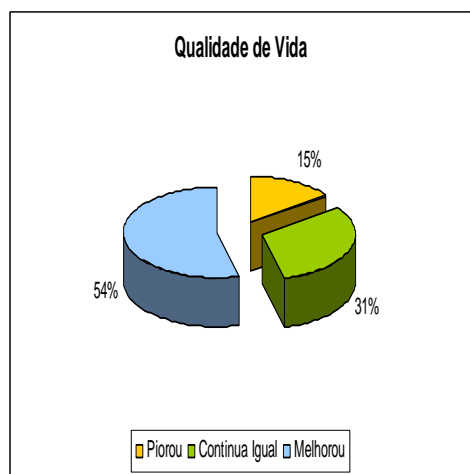


Gráfico 24 – Qualidade de vida
Fonte: Dados primários 2006/2007.

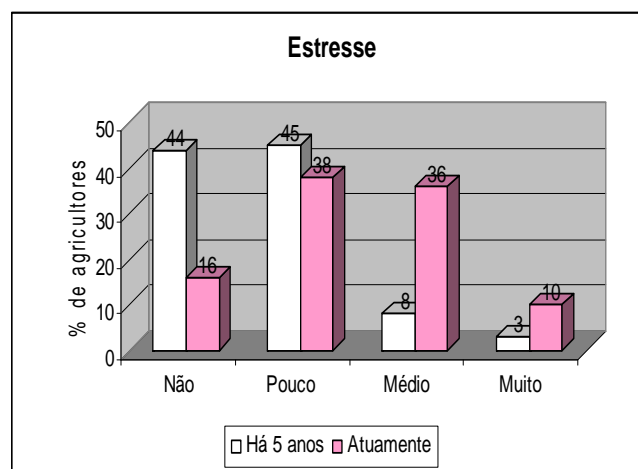


Gráfico 25 - Estresse
Fonte: Dados primários 2006/2007.

O Gráfico 26 indica que os agricultores não realizam planejamento de suas atividades. 41% não fazem ou raramente fazem algum planejamento. Apenas 59% sempre e

freqüentemente planejam ações no seu trabalho. Por isso que para Barbosa (1979) existem duas formas de se administrar uma propriedade agrícola, uma com planejamento e a outra sem planejamento algum. Muitos proprietários têm somente um planejamento empírico, o que torna a produção dependente da presença do proprietário. Para o aprimoramento da atividade rural leva a necessidade de planejamento e controle, variando com o tamanho e tipo de exploração rural.

A falta de planejamento evita um gerenciamento adequado e possibilita a incidência de decisões equivocadas sobre pontos estratégicos do negócio, afetando a sustentabilidade do agricultor e de sua família. Isso aumenta o estresse se refletindo na saúde do agricultor e qualidade de vida e de trabalho.

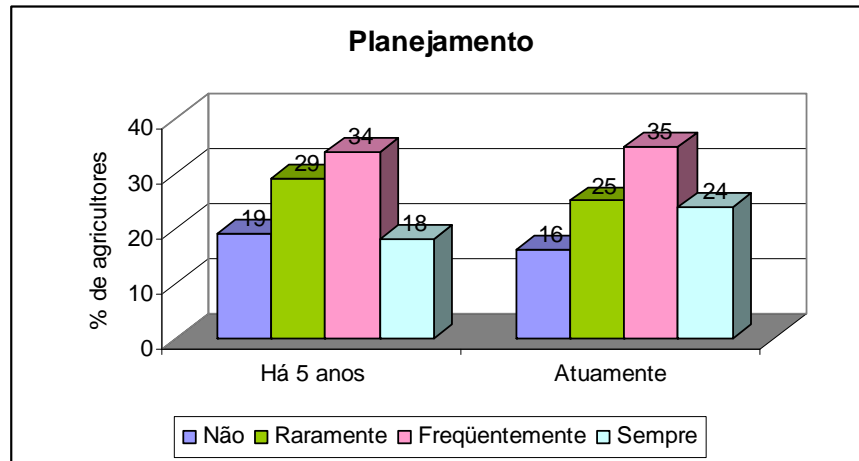


Gráfico 26 – Planejamento.
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

O Gráfico 27 apresenta um resumo dos fatores apontados como responsáveis pelo aumento da qualidade de vida dos agricultores nos últimos 5 anos. A questão financeira foi que mais contribuiu em 20%, seguida da diversificação da produção em 16% e melhores condições de saúde e moradia em 10%.

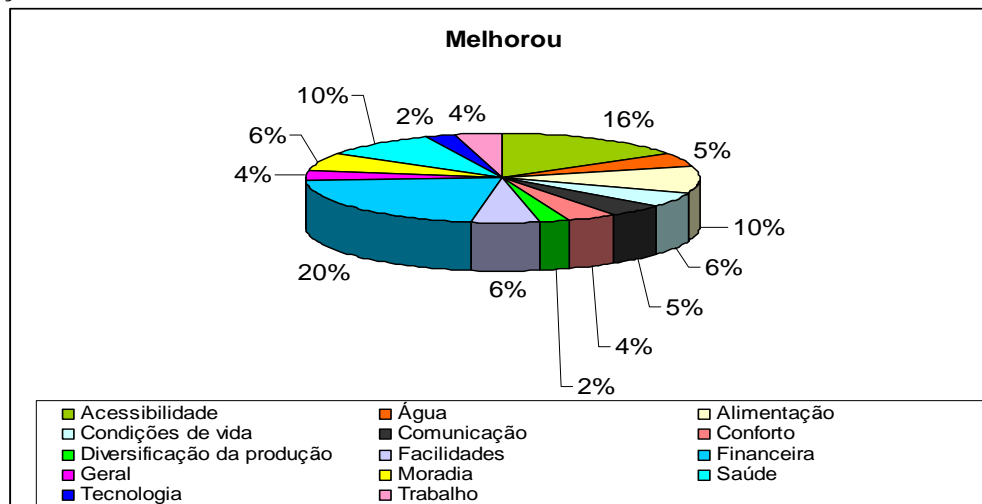


Gráfico 27 – Fatores responsáveis pela melhoria da qualidade de vida.
 Fonte: Dados primários 2006/2007.

Em relação aos fatores que os agricultores consideraram que piorou sua qualidade de vida no período indicaram, no Gráfico 28, que o preço dos produtos 40%, o clima 20% e questão financeira 15%, são os fatores que criam obstáculos para que sua qualidade de vida dê um salto de melhoria.

Já os custos de produção elevados contribuem em 13%. A questão financeira é um fator chave, pois apesar de ser eleita a primeira melhoria alcançada nos últimos 5 anos no Gráfico 27 para alguns, esta melhoria é perdida devido aos preços praticados na venda do produto, custos de produção e com o clima cada vez mais instável.

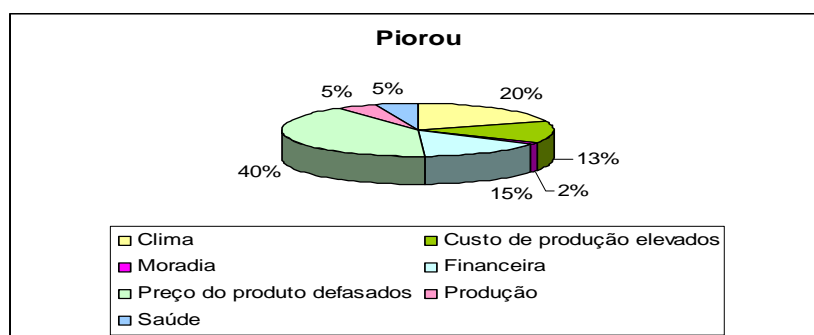


Gráfico 28 – Fatores responsáveis pela queda na qualidade de vida
Fonte: Dados primários 2006/2007.

Em resposta a pergunta do estudo, os dados indicaram que a qualidade de vida das famílias melhoraram, principalmente na saúde humana, na a água utilizada, as condições dos sanitários, os acessos à saúde e educação, os meios de locomoção, a condição de trabalho e de vida.

A falta de investimentos em equipamentos de produção ocasionou estagnação nos meios de produção e com isso não houve melhoras no trabalho. Fato devido à falta de gestão e controle por parte dos agricultores, que perdem oportunidades de obter maior lucratividade ou de escapar de prejuízos, assim como de visualizar mudanças de curso necessárias, no decorrer do tempo, para dar sustentabilidade do seu negócio.

É de grande importância destacar a deficiência na profissionalização do pequeno agricultor para gerir seu negócio, principalmente no que diz respeito à falta de planejamento e controle e de organização. Faz se necessário que os agricultores busquem orientações em órgãos que possam fornecer-lhes este tipo de conhecimento.

Outro fator limitador são as tradições arraigadas e resistência às mudanças de paradigmas gera estagnação de visão, oportunizando um comodismo de que sempre foi assim. Esta falta de iniciativa de promover o associativismo, montar uma associação e fazer investimentos que beneficiem os associados aparentemente é uma característica cultural onde as pessoas estão mais preocupadas com seu ser individual do que com o ser social. Destaca-se que Bowditch e Buono (1992, p. 207) definem a QVT “como a existência de um certo conjunto de condições e práticas organizacionais”, onde uma parte pouco estruturada afeta o todo. E, um fator chave é a visão e o comportamento organizacional que cada agricultor demonstra em seu negócio.

Observando-se as condições gerais das famílias, pode-se concluir que a pobreza é um problema grande, visto que as propriedades são pequenas e a falta de iniciativa e preparo dos agricultores em gerir as atividades da propriedade são fatores que ajudam a perpetuar a condição atual. Também a dependência de fatores climáticos e preços de mercado são condicionantes que dificultam o seu desenvolvimento e sua sustentabilidade.

Conclusão

A Emater juntamente com os órgãos municipais, estaduais e federais pode promover a capacitação dos agricultores através de cursos que estimulem a utilização de métodos de gestão controlando os recursos disponíveis e planejando em longo prazo.

Esta ação fortalece o empreendedorismo rural, o cooperativismo e associativismo, a diversificação da produção assim como a sustentabilidade do pequeno agricultor possibilitando sua profissionalização.

A orientação sobre o gerenciamento deve considerar uma análise da área disponível para a produção, escolher o produto a ser produzido, após refletir o porquê de determinado produto, estimar os custos de produção, estimar a produtividade e o preço de venda para determinar a lucratividade $\{(produtividade\ estimada \times\ preço\ de\ venda\ estimado) -\ custo\ de\ produção\ estimado =\ lucratividade\}$.

Além disso, sociedade em geral precisa se conscientizar de que quando o setor agrícola entra em crise todos são afetados de forma negativa, principalmente os municípios que têm a agricultura como base de sua economia e como principal fonte de arrecadação.

Portanto, a agricultura é o desenvolvimento da capacidade humana para o cultivo da terra, é a ação para a satisfação das necessidades básicas. Segundo Santos e Marion (1996, p. 21) “a agricultura será tão mais próspera quanto maior for o domínio que o homem venha a ter sobre o processo de produção, que se obterá na medida do conhecimento acerca das técnicas de execução e gerência”.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Publicado em 1999. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos>>. Acesso em: 25 mai. 2005.
- BARBOSA, Jairo Silveira. **Administração rural a nível de fazendeiro**. São Paulo: Nobel, 1979.
- BOWDITCH, James L. e BUONO, Anthony F. **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CUNHA, Aécio. **Uma avaliação da sustentabilidade da agricultura nos cerrados**. Brasília: IPEA, 1994.
- DETONI, Dimas José. **Estratégias de avaliação da qualidade de vida no trabalho: estudos de caso em agroindústrias**. Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção UFSC: Florianópolis 2001. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br>>. Acesso em: 25 de abr. de 2006.
- FERREIRA, Bracolina, SILVEIRA, Fernanco Gaiger e GARCIA, Ronaldo Coutinho. A agricultura familiar e o pronaf: contexto e perspectivas. GASQUES, José Garcia e CONCEIÇÃO, Júnia Cristina P.R. (org) **Transformações da agricultura e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2001.
- FRANÇA, Ana C. Limongi e RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- FRANCO, Eliete de Medeiros, *et. al.* . O cotidiano de uma estudante de pós-graduação: o estresse no universo de quatro mundos. *In:* PATRÍCIO, Zuleica, CASAGRANDE, Jacir L. e ARAÚJO, Marízia F. de (org). **Qualidade de Vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas**. Florianópolis: Ed. do autor, 1999 p 267-314.
- GIORDANO, Samuel Ribeiro. Gestão ambiental no sistema agroindustrial. *In:* ZYLBERSZTAJN, Decio e NEVES, Marcos Fava (org). **Economia e gestão dos**

- negócios agroalimentares:** indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira, 2000 p 255-280.
- GOENDER, Jacob. Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro. *In:* STÉDILE, João Pedro (org). **A questão agrária hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universitária UFRGS, 2002 p 15-44.
- IASCHOMBEK, Cleiton e SANTOS, Cárilton Vieira dos. Fontes de crescimento da produção agrícola paranaense no período 1980/81 a 1994/95. *In:* CASIMIRO FILHO, Francisco e SHIKIDA, Pery Francisco Assis. **Agronegócio e desenvolvimento regional**. Cascavel: Edunioeste, 1999.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**. Dados fornecidos pela unidade de Capanema/PR.
- _____. **Censo agropecuário 1995/96**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 27 de abril de 2006.
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Novo Retrato da Agricultura Familiar: o Brasil Redescoberto**. Disponível em: <www.incra.gov.br/sade/doc/agrifam.htm>. Acessado em: 02 de jun. de 2005.
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Sudoeste Paranaense**. Curitiba: IPARDES: BRDE, 2004. Disponível em <www.ipardes.org.br>. Acesso em 17 de mai. de 2006.
- _____. Cadernos municipais. **Caderno estatístico município de Capanema**. Maio de 2006. Disponível em <www.ipardes.org.br>. Acesso em 12 de mai. de 2006
- KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1998.
- LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense**. Curitiba, SECE/BPP, 1986.
- LIMA, Romilda Souza. Análise reflexiva sobre o histórico do desenvolvimento da agricultura no Paraná: em busca de uma sustentabilidade possível. *In:* CASTILHO, Mara Lucy e RAMOS, José Maria (edi). **Agronegócio e desenvolvimento sustentável**. Francisco Beltrão, 2003.
- MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005
- PAIVA, Ruy Miller. Apreciação geral sobre o comportamento da agricultura brasileira. *In:* ARAÚJO, Paulo Fernando Cidade de e SCHUH, G. Edward. **Desenvolvimento da agricultura: estudo de casos**. São Paulo: Pioneira, 1975-1983
- PATRÍCIO, Zuleica. Qualidade de vida do ser humano na perspectiva de novos paradigmas: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade. *In:* PATRÍCIO, Zuleica, CASAGRANDE, Jacir L. e ARAÚJO, Marízia F. de (org). **Qualidade de Vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas**. Florianópolis: Ed. do autor, 1999 p 19-90.
- PATRÍCIO, Zuleica e CASAGRANDE, Jacir L. A busca de satisfação no processo e no produto viver: a qualidade de vida do trabalhador na complexidade das interações do cotidiano. *In:* PATRÍCIO, Zuleica, CASAGRANDE, Jacir L. e ARAÚJO, Marízia F. de (org). **Qualidade de Vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas**. Florianópolis: Ed. do autor, 1999 p 339-368.
- PAULILLO, Luiz Fernando. Sobre o desenvolvimento da agricultura brasileira: concepções clássicas e recentes. *In:* BATALHA, Mário Otávio (coord.). **Gestão agroindustrial**. GEPAI: Grupo de estudos e pesquisa agroindustriais. São Paulo: Atlas, 1997 p 545-570.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999
- VEIGA, José Eli da. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Hucitec, 1991.

VIEIRA, Adriane. **A qualidade de vida no trabalho e o controle de qualidade total.** Florianópolis: Insular, 1996.

SANTOS, Gilberto José dos e MARION, José Carlos. **Administração de custos na agropecuária.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SELLTIZ, Claire *et. al.*. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

TOSCANO, Luiz Fernando. **Agricultura familiar e seu grande desafio.** Disponível em: <<http://www.agr.feis.unesp.br/dv09102003.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2006.